

LINGUAGEM E AFASIA: UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA E  
BAKHTINIANA<sup>1</sup>

Melina Smolii, CAMPOS

Bruna Grasiela, SILVA

(Orientadora): Profa. Dra Rosana C. Novaes-Pinto

**RESUMO:** A Neurolingüística discursiva estuda a inter-relação entre linguagem e cérebro, considerando, ao contrário de teorias Neolocalizacionistas, as interações humanas e as intervenções da cultura, história e subjetividade que constituem os sujeitos. Somados a Neurolingüística discursiva, alguns conceitos elaborados por Bakhtin, como os conceitos de intuito discursivo e dialogismo, podem ser elucidados, fornecendo contribuições teóricas para os estudos dos enunciados dos sujeitos afásicos, em situações dialógicas. Desta maneira, torna-se possível uma reinterpretação das dificuldades enfrentadas pelos sujeitos afásicos, a partir de um viés que valoriza os processos que estes se utilizam para significar na/pela linguagem.

**Palavras-chave:** Neurolingüística, afasia, conceitos bakhtinianos

### Introdução

Atualmente, algumas teorias da Neurolingüística buscam, exclusivamente, desenvolver métodos e diagnósticos com o intuito de se compreender o funcionamento da cognição humana. Desta maneira, um dos objetivos da Neurolingüística tradicional é teorizar a respeito das relações entre linguagem e cérebro, buscando decifrar as questões de processamento por meio da produção de modelos de representação que se preocupam em localizar no cérebro as regiões específicas responsáveis por determinadas funções lingüísticas. Assim, os estudos sobre os fenômenos afasiológicos, elaborados a partir dessa perspectiva, procuram descrevê-los e classificá-los de forma objetiva, de acordo com suas semelhanças e diferenças, levando em consideração um sujeito afásico ideal.

Desta maneira, ao se estudar a inter-relação entre linguagem e cérebro à maneira Neolocalizacionista, são apagadas as intervenções da cultura, história e

---

<sup>1</sup> Este texto foi desenvolvido como trabalho final da disciplina Linguagem e Pensamento (HL 134), módulo de Neurolingüística.

subjetividade, as quais certamente intervêm nessa inter-relação. Porém, através de uma orientação discursiva da linguagem, que enfatiza o seu uso efetivo e seu caráter constitutivo dos sujeitos, a Neurolingüística e os casos afasiológicos podem ser abordados de forma diferente, tanto teoricamente, quanto no que diz respeito aos procedimentos avaliativos ou ao norteamento dos acompanhamentos terapêuticos, bastando, para isso, considerar como fator primordial o trabalho direcionado à reconstrução dos processos de significação empregados pelos sujeitos afásicos.

Portanto, discutiremos uma concepção discursiva de linguagem, ressaltando-a como uma atividade constitutiva dos sujeitos e, abordaremos os principais conceitos elaborados por Bakhtin (enunciado, intuito discursivo e dialogismo), para verificarmos e analisarmos como a união desses materiais teóricos fornece contribuições para os estudos dos enunciados dos sujeitos afásicos, em situações dialógicas, possibilitando uma nova reinterpretação de suas dificuldades. Isto é, a partir da contribuição de noções discursivas e bakhtinianas, procuraremos discutir uma abordagem teórica da linguagem e da afasia como questões que envolvem sujeitos constituídos por fatores de caráter histórico, cultural e subjetivo. Admitindo, assim, que tais fatores se transferem para as interações sociais e interferem nas comunicações verbais dos sujeitos.

Por fim, analisaremos um dado de uma situação dialógica envolvendo sujeitos afásicos, embasando nossas ponderações nos fundamentos teóricos desenvolvidos ao longo do trabalho, destacando a relação do sujeito com a sua afasia.

## **Fundamentos Teóricos**

A Neurolingüística de perspectiva discursiva, segundo Morato (2001), se interessa, basicamente, pela análise do sentido das interações enquanto relações discursivas. Isto é, dedica-se ao estudo das diversas possibilidades de uso da linguagem, ao estudo das interações humanas, juntamente com as posturas e gestos interpretativos dos sujeitos, à inserção dos processos cognitivos em um quadro histórico e cultural, à análise de fatores que nos interpelam quando articulamos os processos de construção de sentidos daquilo que produzimos e interpretamos e, por fim, ao estudo que relaciona linguagem e cognição.

Essa perspectiva discursiva baseia-se na concepção de linguagem como o resultado de um trabalho coletivo e histórico, uma atividade constitutiva dos sujeitos, sendo caracterizada pela sua indeterminação (Novaes-Pinto, 1999, 2004). Assim, de acordo com Coudry (2002: 101), a língua é o resultado “*da experiência e do trabalho dos falantes com e sobre a linguagem*”. Então, a

língua é entendida como uma atividade social, resumida perfeitamente pelas palavras de Castilho:

“língua como um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis, socialmente motivadas. A língua é, em suma, uma enunciação, um elenco de processos, para cuja apreensão a Semântica e a Pragmática se constituem em pontos de partida, sendo a Sintaxe um ponto de chegada.” (Castilho apud Novaes-Pinto, 1999: 149).

Obviamente, a concepção discursiva de linguagem difere-se da concepção estruturalista da mesma, a qual postula a língua/gem como um conjunto de estruturas, descartando o sujeito de quaisquer análises lingüísticas.

Torna-se essencial a discussão acerca das concepções de linguagem, uma vez que estas norteiam a abordagem das afasias, as análises dos enunciados dos sujeitos afásicos e as terapias adotadas. Concepções limitadas de linguagem, baseadas apenas nas unidades da língua (palavras e frases descontextualizadas), orientam as tradicionais baterias de avaliação dos sujeitos afásicos, com o intuito de obter resultados quantitativos, através de análises estatísticas, culminando, assim, não somente na avaliação e classificação da linguagem dos afásicos, mas também, como já dissemos, na orientação das condutas terapêuticas.

Dentre essas baterias tradicionais encontra-se, por exemplo, a Bateria de Boston, muito conhecida e aplicada mundialmente e que tem sido usada para que resultados de pesquisas e avaliações de sujeitos possam ser comparados. Servem, acima de tudo, para dar um “diagnóstico” acerca da afasia, um “rótulo”, geralmente marcado negativamente por aquilo que falta na linguagem. Um dos sub-testes da Bateria de Boston é o Teste de Nomeação, composto por uma lista de 60 palavras, sem vínculos com as condições de uso, utilizada como instrumento para descrever sintomas e síndromes. Em outras palavras, para afirmar a existência de patologias.

Entretanto, sob uma concepção discursiva da linguagem, somada ao pressuposto que considera o cérebro e seu funcionamento como dinâmicos, desenvolvem-se trabalhos e promovem-se discussões teóricas e práticas sobre as afasias, nos quais são enfatizados o uso efetivo da linguagem e sua natureza constitutiva do sujeito e da própria língua. Assim, a mais notável contribuição dessa abordagem discursiva é a consideração do sujeito afásico como um produtor de discurso, inserido em práticas verbais e produtor de processos lingüísticos de significação. Desta forma, anula-se o tratamento tradicional dado aos afásicos, a partir do qual se crê que esses não se constituem como locutores, ou seja, não realizam o exercício subjetivo da linguagem, criando a dicotomia afásicos/não-afásicos. Recorrendo a Coudry (2002: 101), “*não-afásico e afásico*

*partilham de um sentimento/atitude comum de incompletude frente à linguagem e à língua”.*

Portanto, o tratamento dado à questão das afasias, cujo embasamento se dá na perspectiva discursiva da linguagem, proporciona reflexões sobre as categorias clínicas dos sujeitos afásicos a partir de considerações acerca do uso efetivo da linguagem e da natureza constitutiva do sujeito e da própria língua (Novaes-Pinto, 1999).

Em função do estreitamento teórico das idéias presentes nos conceitos bakhtinianos com os pressupostos da Neurolingüística discursiva, e também pela atualidade temática desses conceitos, passaremos a abordá-los brevemente, discutindo as suas contribuições a partir das ponderações de Novaes-Pinto (1999), que considera os conceitos de Bakhtin adequados para a análise dos enunciados de sujeitos afásicos. Assim, possibilitando uma nova interpretação/visão das dificuldades destes sujeitos e propondo a superação dos tratamentos tradicionais.

Os estudos de Bakhtin abordam questões da enunciação, da interação verbal entre sujeitos e questões acerca das relações existentes entre linguagem, sociedade, ideologia e história. Os estudos sobre essas relações que a linguagem estabelece com campos exteriores a ela também compõem a pauta dos estudos da Análise de Discurso. Assim, tal fato vem fortalecer a relação que se pode estabelecer entre os conceitos bakhtinianos e discursivos para o desenvolvimento de análises das interações verbais envolvendo sujeitos afásicos. Afinal, como afirma Novaes-Pinto (1999: 156) *“a característica fundamental do pensamento de Bakhtin é a tentativa de compreender os fatores que tornam possível o diálogo”.*

Abordaremos brevemente os conceitos de enunciado, intuito discursivo e dialogismo em Bakhtin<sup>2</sup>, os quais nos auxiliarão posteriormente na análise de um dado interacional entre sujeitos afásicos.

Para Bakhtin o enunciado é a unidade real da comunicação verbal, isto é, uma unidade *“delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro”.* (Bakhtin *apud* Novaes-Pinto, 2004: 119). Assim, ao analisar dados de afasia, os enunciados dos sujeitos afásicos só podem ser significados no interior do processo dialógico em que estão inseridos, como também ocorre com os enunciados de qualquer outro sujeito.

---

<sup>2</sup> Para a discussão desses conceitos Bakhtinianos tomamos como referência os trabalhos de Novaes Pinto (1999, 2004).

Até mesmo enunciados de sujeitos com afasias muito severas, em que praticamente se torna impossível analisar unidades da língua como palavras ou sentenças, podem ser compreendidos como “enunciados”. Segundo Novaes-Pinto (2004), neste caso até as entonações de segmentos estereotipados como “essaw essaw”, ou manutenções de turno, tornam possível atribuir significado ao discurso dos sujeitos e chegar mais próximo de seus intuítos discursivos, ou querer-dizer, outro conceito bakhtiniano bastante produtivo para tratar das dificuldades dos sujeitos em expressar aquilo que querem ou precisam dizer. Essa maneira de analisar os dados contribui para que possamos vê-los de outra maneira: não aquilo que falta nos enunciados de sujeitos afásicos, mas aquilo que está presente em seus enunciados e como são articulados/processados durante uma interação verbal.

O intuito discursivo ou querer-dizer determina o todo do enunciado (Novaes-Pinto, 2004). Deste modo, uma concepção mais abrangente de linguagem permite uma aproximação maior com o que o sujeito quer dizer, atribuindo aos enunciados dos sujeitos um acabamento. Tal conceito bakhtiniano contribui também para que se avalie o grau de severidade das afasias, a partir da análise das interações dialógicas, além de considerar a relação do sujeito com sua afasia e o impacto que ela tem em sua vida.

O conceito bakhtiniano de dialogismo também oferece contribuições, em uma perspectiva discursiva, para a avaliação dos enunciados produzidos pelos sujeitos afásicos. De acordo com Bakhtin, todo enunciado é dialógico, no sentido que os sujeitos somente se constituem como tais a partir das interações sociais que estabelecem, as quais se configuram por um processo marcadamente dialógico, ou seja, através de interações e comunicações verbais, que, por sua vez, possibilitam aos sujeitos a internalização dos signos da língua sobre e com a qual interagem. Desta forma, a avaliação dos sujeitos afásicos passa a ser feita por meio da análise dos enunciados produzidos em episódios dialógicos, isto é, a partir de interações verbais, que consideram relevantes e primordiais a compreensão desses sujeitos de forma não idealizada – desconsiderando a tese da existência de um sujeito afásico ideal. Prioriza a essência dialógica da linguagem como fator orientador dos trabalhos sobre as categorias clínicas de afasias.

Concordando com Bakhtin, consideramos que as análises das categorias clínicas - no caso, das afasias -, precisam ser realizadas em enunciados/situações concretos. A língua possui inúmeros recursos lingüísticos (lexicais, morfológicos e sintáticos) que são selecionados pelo sujeito e utilizados conforme a necessidade nas interações sociais. Portanto, optamos por uma abordagem discursiva em nossa análise de dados de afásicos por concordar que a língua é uma atividade social e um fenômeno heterogêneo. Procuramos

considerar as condições de produção e não apenas tratar da linguagem utilizada pelos afásicos como um código.

Enfim, após a exposição dos fundamentos teóricos, passaremos a analisar um episódio dialógico, a partir de pressupostos discursivos, somados a alguns dos principais conceitos bakhtinianos que expusemos anteriormente.

### Metodologia de Análise

Passaremos a analisar um episódio dialógico, abaixo transcrito<sup>3</sup>, ocorrido em uma sessão no Centro de Convivência de Afásicos (CCA)/IEL/UNICAMP, articulando os conceitos discursivos e as noções bakhtinianas que já apresentamos.

“Nessa sessão (08/04/98), a Investigadora (**Iem**) discute com os sujeitos a atitude de se esforçar para se fazer entender, apesar de suas dificuldades.

01. **CL**: Eu não sei falar, eu falo muito pouco... Quando eu falo dá pra entender, mas faço força pra eu falar, mexe aqui... //faz gesto sobre o peito indicando que faz um grande esforço// Agora eu fujo de festa... fujo de tudo... eu fui agora... né... no aniversário de dois netinhas... bisnetas //A fono ajuda: “Gabriela e Laís”// Eu, esse nome, eu num guardo. //Fono: Laís// Gabriela tá na escola... Laís... tem um ano...
02. **Iem**: A senhora fez tudo pra não ir na festa delas?
03. **CL**: Eu fui... fui no aniversário e até escrevi pra ela...//aponta para a fono. CL deve ter escrito sobre este fato na agenda//
04. **Iem**: Fala um pouco mais sobre esta conduta da senhora... procurar não ir às festas?
05. **CL**: Não ir porque ninguém sabe que eu tenho assim... e vão falar comigo e eu não posso responder, então...
06. **Iem**: Talvez a senhora não queira, mas a senhora pode...
07. **CL**: Eu respondo mas fica mal pra mim assim. Acho que não gosto... Agora casou a neta da minha irmã, eu não fui...
08. **Iem**: A senhora não quer se expor, falando dessa maneira, não é isso?
09. **CL**: Eu não quero expor porque vem conversar comigo e eu não posso responder direito né, então... prefiro não ir... (...) Mas eu fui numa festa que houve agora. Então eu procurei ficar perto de uma senhora velha que sabia que eu tava doente... eu falei só com ela. Com os outros não falei. Eu fui cumprimentar as crianças, dei presente, mas não falei... com ninguém.
10. //Iem pergunta se eles se afastam ou evitam uma reunião social, uma festa, por causa de seus problemas, e os sujeitos confirmam.//
11. **Iem**: Sr. Silvano também?

---

<sup>3</sup> Este dado é transcrito e analisado por Novaes-Pinto (1999), para tratar da noção de intuito discursivo.

12. **SP:** O... o único lá... lá... baile... isso eu vô lá e... minha mulher... o filho vai lá..., mas festa... (...) Eu não gosto para ... que... agora... agora...
13. **Iem:** Quando o senhor tá com os amigos, a família...
14. **SP:** Aí tá certo. Mas.... //faz um gesto com a mão, próximo à boca como que indicando que as palavras não saem// Fala um pouco, mas... depois... “esqueci”! //remetendo a um discurso direto//... é... como é... é... para... //faz os mesmos gestos//
15. **CL:** Quando a gente quer falar alguma coisa e não fala, então...
16. **SP:** Num sei... então... vai lá fala “SI, SI, NO, NO, SI, SI...” //remetendo a um discurso direto, indicando que acaba apenas concordando com os outros//
17. //Iem pergunta aos sujeitos se eles dão suas opiniões sobre os fatos, se participam de conversas. A investigadora fala das dificuldades dos sujeitos não-afásicos, em geral, com algumas situações de linguagem, como não falar a língua em um determinado país, pedir aumento ao chefe, etc... Enfatiza que perde-se o prazer da convivência quando se desiste da fala. Este é o maior motivo para que se esforcem para se fazer entender//
18. **SI:** Eu falava, antes, sem parar, agora eu não falo mais.
19. **CL:** Ela fala e todo o mundo sabe o que ela tá falando, mas... eu, pra falar outras coisas, não posso falar //apontando para si mesma//
20. **SP:** Ela vai... fala todo todo todo //apontando para a cabeça//, mas falar... //possivelmente querendo dizer que está tudo lá, na cabeça, mas não consegue falar//
21. //Iem enfatiza que a atitude que o sujeito deve ter a esse respeito é importante. Pergunta se eles também não se surpreendem com a capacidade que as pessoas têm de compreender o que eles dizem. AR confirma. Iem diz que este fato é um convite para que eles se expressem. Afirma que quando o sujeito diz “eu não digo nada”, “eu não consigo falar” isto não é uma verdade//
22. **CL:** Eu falo, sim, mas muitas coisas eu não posso falar (...) mas eu entendo... tudo que você fala eu entendo.
23. **SP:** Justamente. //concordando com o que CL disse//
24. **CL:** Eu consigo falar, mas é muita dificuldade pra mim.(...) Eu falava muitas coisas.
25. **Iem:** Falava com mais desenvoltura, falava melhor...
26. **CL:** Mas agora não...
27. //A fonoaudióloga diz que todos conseguem lhe compreender muito bem.
28. **CL:** Mas é muito difícil eu falar assim, né, eu falo e... entendo... porque eu tenho... eu tinha voz boa pra entender e agora não, fico fazendo força e não falo direito...
29. **Iem:** Mas fala melhor do que falava antes, quando teve o AVC!
30. **CL:** Eu não sabia nada mas agora eu sei... muitas coisas, mas eu sei muito mais do que eu sabia agora quando eu fiquei doente. Eu não sabia nenhuma coisa...”

O primeiro aspecto importante a ser destacado na análise deste episódio dialógico é o fato de ter sido realizado em situações de práticas discursivas. Ou seja, a linguagem não foi trabalhada pela investigadora e fonoaudióloga, neste episódio, somente sob perspectiva normativa, tradicional e pautada em metodologias descontextualizadas, mas foi inserida no exercício de práticas sociais, situações de usos reais e sociais da linguagem. Esse fato pode ser exemplificado através do próprio assunto da sessão transcrita: “a atitude de se esforçar para se fazer entender, apesar de suas dificuldades”. Trata-se de um tema comum ao cotidiano de afásicos - e porque não de não-afásicos? - que

levou à discussão e reflexão a respeito de fatos e situações concretas e comuns aos presentes.

Os sujeitos afásicos deste dado são participantes de um contexto lingüístico e fazem parte de uma cultura. Na transcrição fica evidente que os participantes escrevem em agendas: “//aponta para a fono. CL deve ter escrito sobre este fato na agenda//”, que mostra uma prática com a linguagem, sobre ela e que insere o sujeito em situações que fazem sentido, de uso social da linguagem.

Além disso, vale destacar que nenhum enunciado de sujeitos afásicos ou não-afásicos possui condições para interpretação unívoca. Neste episódio dialógico analisado, encontramos inúmeros recursos lingüísticos associados que forneceram condições para que chegássemos a distintas interpretações. Procuramos considerar o contexto (de afásicos participantes do Centro de Convivência de Afásicos-Unicamp), a situação (sessão que discutiu a dificuldade dos sujeitos para serem compreendidos/em se fazer entender), a relação entre os interlocutores, os recursos verbais, recursos não verbais etc.

Através da leitura deste dado, é possível perceber a relação que o sujeito estabelece com sua afasia. Fica claro através dos diálogos transcritos que o afásico enfrenta situações difíceis, situações de incompletude e desconforto, quando se encontra em momentos nos quais precisa ter uma atitude frente à linguagem. Esse desconforto fica expresso através de falas: “*Eu não sei falar, eu falo muito pouco*”, “*... e vão falar comigo e eu não posso responder, então...*”, “*Eu falava, antes, sem parar, agora eu não falo mais*”, “*Eu consigo falar, mas é muita dificuldade pra mim...*”.

No decorrer do dado está explícita a discussão entre os afásicos e não-afásicos (pesquisadora e fonoaudióloga) sobre dificuldades que os sujeitos encontram frente à linguagem e sobre situações em que necessitam de um esforço maior para serem compreendidos. Os afásicos mostraram ter conhecimento de que existem momentos em que não são entendidos da maneira como gostariam. Ainda expressaram o desconforto e o desejo de fuga quando colocados nestas situações desconfortáveis, embaraçosas e por vezes de intolerância: “*Agora eu fujo de festa... fujo de tudo...*”, “*Então eu procurei ficar perto de uma senhora velha que sabia que eu tava doente... eu falei só com ela. Com os outros eu não falei*”. Ademais, evidenciamos neste trecho como os afásicos são encarados equivocadamente, por pessoas não-afásicas e, até mesmo pelo próprio sujeito afásico: ser afásico é sinônimo de estar doente ou ter uma doença.

Ainda neste episódio dialógico foi possível notar a quantidade de observações relativas a processos de significação não verbais, como os gestos efetuados por SP apontando a própria cabeça. Estes processos de significação não verbais, no diálogo analisado, auxiliaram na compreensão dos processos de

significação verbais e alguns serviram como ilustração, afirmando a fala: “Quando eu falo dá pra entender, mas faço força pra eu falar, mexe aqui... //faz gesto sobre o peito indicando que faz um grande esforço//” (neste caso, CL pareceu fazer o gesto para afirmar e auxiliar a compreensão de que realmente é muito difícil fazer-se entendida, que é necessário um grande esforço, por isso o gesto). “Eu fui... fui no aniversário e até escrevi pra ela... //aponta para a fono” (afirmando e melhorando a compreensão da fala), “Aí tá certo. Mas... //faz um gesto com a mão, próximo à boca como que indicando que as palavras não saem//”, “Ela vai... fala todo todo todo //apontando para a cabeça//” etc. Em alguns casos (como os dois últimos exemplos transcritos), os gestos e os processos de significação não verbais parecem auxiliar na questão da incompletude, que foi apontada pelos afásicos – e que é também destacada por sujeitos não-afásicos – como desconfortável. Estes gestos e processos ajudam a “completar” a fala e auxiliam o entendimento.

Merece destaque também na análise do dado a percepção que o afásico tem de sua fala. Ele faz uma auto-avaliação e tem conhecimento quando é ou não compreendido pelo interlocutor: “Quando eu falo dá pra entender, mas...” (neste caso, CL faz uma avaliação de sua fala e chega à conclusão de que é entendida, “mas...” após esforço e com dificuldades), “Eu falo, sim, mas muitas coisas eu não posso falar (...) mas eu entendo... tudo que você fala eu entendo” (mais uma vez CL avalia sua própria fala, e percebe que possui boa compreensão do interlocutor).

Sobre as questões de subjetividade, notamos que CL refere-se a si mesma utilizando o pronome “eu”, reconhecendo sua subjetividade, como produtora de seu enunciado e como um sujeito inserido naquela interação verbal (“mas... eu, pra falar outras coisas, não posso falar //apontando para si mesma//”). Em alguns trechos transcritos, SP se utiliza tanto do pronome “eu” (“... isso eu vô lá e... minha mulher...”) quanto da terceira pessoa (“Fala um pouco, mas... depois...”). Contudo, essa “confusão” parece acontecer pelo fato de SP desejar inserir em sua fala um discurso direto. A subjetividade presente na linguagem deste sujeito afásico se apresenta na forma de “ele” (“(ele) fala um pouco, mas... depois...”) e na passagem de um discurso indireto para um discurso direto (“esqueci!”).

Neste episódio dialógico ainda são evidentes os acabamentos (Novaes-Pinto, 2004) dados às falas dos afásicos: “eu fui agora... né... no aniversário de dois netinhas... bisnetas // A fono ajuda: “Gabriela e Laís”//”. Esses acabamentos são feitos pelo interlocutor, que vai auxiliando o falante na tentativa de compreender seu querer-dizer. Neste caso, CL já tinha dito “dois netinhas”, corrigiu sua fala para “bisnetas” e a fonoaudióloga deu o acabamento da frase: as duas bisnetas, Gabriela e Laís. Os afásicos também dão

acabamento aos enunciados de outros afásicos. SP, por exemplo, proferiu um enunciado breve – “*Justamente*” – expressando sua posição em relação àquilo que havia sido dito por CL, de que ela falava, mas que muitas coisas não podia falar, embora entendesse tudo o que era dito pela pesquisadora.

Destacamos ainda em nossa análise que podemos reconhecer as produções de CL, SI e SP como enunciados. Ou seja, suas falas possuem significados, por mais breves que sejam, ou mesmo que não possam ser identificados em unidades do sistema lingüístico.

Como o episódio analisado trata-se de um diálogo, podemos observar mais claramente e com maior evidência o processo de comunicação verbal. Ainda é possível notarmos, por conta do tema que está sendo desenvolvido, como se dão as interações sociais entre afásicos e não-afásicos. O tema da conversa era a dificuldade em se fazer entender: CL, por exemplo, conta sobre seus próprios desconfortos e que passou a fugir de festas. A partir disso, associa sua fala à festa de aniversário de Gabriela e Laís. Mais adiante, CL fornece explicações a respeito do motivo pelo qual foge das festas e recorda-se do casamento da neta da irmã. Da mesma maneira, SP refere-se ao desconforto que sente ao participar de festas.

Vale ainda destacar que as regras do diálogo são respeitadas, os turnos conversacionais, há uma coerência interna preservada entre os participantes ao longo do desenvolvimento do tema. Os afásicos respondem às perguntas da pesquisadora, expressam suas opiniões e posições em relação ao que o outro disse, fazem comentários etc.

*“Iem: A senhora fez tudo pra não ir na festa delas?”*

*CL: Eu fui... fui no aniversário e até escrevi pra ela... //aponta para a fono. CL deve ter escrito sobre este fato na agenda//”*

Através destas duas falas é possível perceber que CL interage com a pesquisadora respondendo à sua pergunta e confirmando, dando credibilidade à sua fala, afirmando que escreveu o episódio em uma agenda. Além disso, utiliza-se de recursos não verbais.

*“Iem: Sr. Silvano também?”*

*SP: O... o único lá...lá...baile... isso eu vô lá e... minha mulher... o filho vai lá..., mas festa... (...) Eu não gosto para... que... agora... agora...*

*Iem: Quando o senhor tá com os amigos, a família...*

*SP: Aí tá certo. Mas... //faz um gesto com a mão, próximo à boca como que indicando que as palavras não saem// Fala um pouco, mas... depois... “esqueci”!  
//remetendo a um discurso direto//... é... como é... é... para...//faz os mesmos gestos//”*

Da mesma maneira, SP responde à pergunta de Iem. Seu enunciado mostra que estava compreendendo o diálogo, que acompanhava e compreendia a respeito de tudo o que estava sendo tratado.

## **Conclusão**

Com este trabalho, buscamos discutir brevemente o alcance analítico que tem a Neurolingüística de abordagem discursiva, baseada em algumas noções bakhtinianas, ressaltando também as suas contribuições para o desenvolvimento de um tratamento diferenciado a ser destinado aos sujeitos afásicos e aos casos afasiológicos. Ou seja, um tratamento que valorize os “processos”, não os “produtos”, que os sujeitos afásicos articulam para participarem de interações verbais, baseados em fatores históricos, sociais e culturais. Para tanto, apresentamos os limites das abordagens teóricas e práticas da Neurolingüística tradicional, que se preocupam em descrever as perdas dos sujeitos afásicos ou de promover uma relação entre linguagem e cérebro priorizando a relação direta entre áreas anatômicas comprometidas e sintomas lingüísticos. Enfim, analisando um dado de episódio dialógico, articulamos os fundamentos teóricos de ordem discursiva e os conceitos bakhtinianos, levantando nos enunciados de sujeitos afásicos, não suas perdas lingüísticas, mas os processos de trabalho com/sobre/na linguagem para expressarem os seus intuítos discursivos e para participarem do jogo da linguagem

---

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- COUDRY, M. I. (2002). “Linguagem e Afasia: uma abordagem discursiva da Neurolingüística”. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, IEL, UNICAMP, n. 42, p. 99-129.
- MORATO, E. M. (2001). “Neurolingüística”. *Introdução à Lingüística – domínios e fronteiras* (Fernanda Mussalim & Anna Christina Bentes, orgs). Ed. Cortez, SP. p. 143-169.
- NOVAES-PINTO, R. C. (2004). “A adoção de conceitos bakhtinianos para a análise de linguagem de sujeitos afásicos”. *Lingua(gem)*, vol. 01. Macapá, AP: ILAPEC.
- NOVAES-PINTO, R. C. (1999). *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. Tese de Doutorado. IEL/Unicamp.